

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal do Brasil

Class.: 09

Data: 04.06.68

Pg.: 10/20

Pastor retorna aos EUA sem depor sobre matança de índio

O chefe do Gabinete do Ministro do Interior, Sr. Porto Sobrinho, mandou convidar o pastor Wesley Blevens -- que denunciou através do JB novas matanças de índios no Mato Grosso -- a depor na comissão que investiga os crimes no extinto SPI, mas não conseguiu seu objetivo porque ele já viajou para os Estados Unidos.

Além de ter criado esse problema para o Ministério do Interior, o pastor adventista deixou a acusação de que um empregado da SUDAM está matando índios na Gleba Arinos e viajou sem achar sua onça de oito meses, que trouxe de Campo Grande e fugiu há dias. O animal está sóto perto da favela da Rocinha. Depois de anunciar que o Ministro Albuquerque Lima "enviará hoje mais dois ou três avisos ao Ministério da Justiça, com nomes dos implicados nos crimes do extinto SPI, o Sr. Porto Sobrinho resolveu ouvir o adventista Wesley Blevens "porque ele fez uma denúncia pública pelo JORNAL DO BRASIL".

— Eu não o conheço, mas é certo que devemos ouvi-lo — disse o Sr. Porto Sobrinho, que logo depois foi ao gabinete do chefe da segurança do Ministério, "para mandar trazer esse pastor até aqui".

Em sua edição de sexta-feira última, o JORNAL DO BRASIL publicou a entrevista do Sr. Wesley Blevens, que viveu durante 23 meses em Mato Grosso, viajou mais de quatro mil quilômetros nas regiões habitadas pelos índios e voltou convencido que os fazendeiros que rem exterminá-los para se apossar das terras.

O pastor Wesley Blevens disse que um funcionário da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia (SUDAM) armou diversos guardas e ordenou que eles atirassem nos índios becos-de-pau, que vivem na Gleba do Rio Arinos.

A Gleba Arinos é uma vasta área sob o controle do extinto Serviço de Proteção aos Índios, hoje Fundação Nacional do Índio. Pela Constituição do Brasil, aquelas terras pertencem às

tribos que as habitam. O pastor esclareceu que, além dos becos-de-pau, vivem ali mais seis tribos completamente selvagens.

Uma delas, na confluência dos Rios Arinos e Juruena, um afluente do Tapajós, está sendo dizimada por caçadores que lhes dão açúcar contaminado por vírus de varíola e tifo. disse o pastor acrescentando que até uma missionária morreu de varíola ao entrar em contato com aqueles índios.

PROBLEMAS DE VIAGEM

Aliado às intenções do Ministério do Interior, de ouvi-lo sobre as matanças, o Sr. Wesley Blevens viajou ontem para Miami, de onde voltará daqui a dois meses, para inspecionar as missões que sua Igreja — Adventista do Sétimo Dia — mantém no Brasil Central.

O pastor não teve tempo, sequer, de comunicar que a onça que trouxera de Mato Grosso e pretendia levar para sua terra fugiu e embrenhou-se nos matagais próximos à Favela da Rocinha, na Estrada da Gávea.

Segundo o pastor Wesley Blevens, "o animal é mansinho e não morde ninguém". — Paguei NC:s 100,00 por ele, lá em Campo Grande, e agora não posso ficar para encontrá-la.

De acordo com a história contada pelo pastor -- que levou duas araras e um macaco, ambos narrotizados -- a onça tem oito meses, mede pouco mais de 30 cm e, "apesar de seu aspecto um pouco ameaçador, não passa de um gatinho desenvolvido".

SURTO DE FEBRE

São Luis (Correspondente) — O encarregado do posto indígena do Município de Barra do Corda pediu socorros urgentes à Inspeção da Fundação Nacional do Índio, para o combate ao surto de febre que está vitimando os índios Canelas e Guajajaras.

Viajando de avião, seguiu para o local um enfermeiro, que está levando remédios fornecidos pelo Departamento Nacional de Endemias Rurais e pela Secretaria de Saúde do Maranhão.

Coronel do SPI deixa o cargo

Brasília (Sucursal) — O Presidente da República exonerou ontem o Tenente-Coronel Heleno Augusto Dias Nunes, da direção do Serviço de Proteção aos Índios, e o Coronel Alberto Carlos Costa Fortunato, da Presi-

dência da Fundação Brasil Central.

O Tenente-Coronel Heleno Augusto Dias Nunes havia pedido exoneração há algum tempo, para voltar às fileiras do Exército, enquanto o Coronel Alberto Fortu-

nato pediu demissão por ter sido extinta a Fundação Brasil Central, com a criação da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste (SUDECO).

Os dois decretos, propostos pelo Ministério do Inte-

rior, General Albuquerque Lima, foram divulgados ontem à noite pelo Palácio do Planalto, juntamente com uma série de outros, todos movimentando pessoal no interior e no exterior do País.

Facínora diz como se mata índio

Niterói (Sucursal) — "Matou o chefe com um tiro de metralhadora no peito. Quem matou foi o Chico Luís e reatou a índia, a facínora, foi Chico Luís. Antes matou uma criança com um tiro de 41 na testa e mandou botar fogo nas malocas junto do Rio Arapuá. A expedição durou quase 60 dias e foi organizada pelo seringueiro Antônio Mesquita de Junqueira."

Essa é a história do facínora Ataíde Pereira dos Santos, feita há dois anos, gravada em Curitiba, na 6ª Inspeção de Índios de Mato Grosso, podendo ser confirmada pelos Srs. Ramis Bucar e Hélio Jorge Becker, que residem em Niterói. O assassinato de índios está proibido e vendida pessoalmente em Curitiba. O incidente que se discutia não foi as últimas consequências.

CUSPIA FOGO

— A mulher foi fortemente amarrada — disse ainda Ataíde em sua confissão — de cabeça para baixo, numa rede no meio da roça dos índios. Chico Luís suspendeu a corda e o corpo ficou balançando. Com o facão tateou a índia em dois pedacos, quase de um golpe só. A adriça parecia um ser humano, com tanto sangue espalhado pelo chão. Depois jogamos os corpos na correnteza e fizemos o caminho de volta.

— Todos os membros da expedição — continua — ficaram do outro lado do Rio Arapuá. Eu quase dormi na pontaria quando apertei o gatilho e o chefe dos índios tombou. Chico Luís era seguida começou a metralhar os que estavam em cima da choupana, coincidindo a cobertura com palha de coqueiro. Os outros atiraram também, com revólver 38 e rifle papo amarelo. Nenhum índio teve tempo de armar o arco e a flecha. A história — tenho certeza — foi baleada, mas dois ou três conseguiram embrenhar-se na mata. Chico Luís ficou irriso e parecia cuspir fogo. Eu disse depois para ele: "Não faz mais judiação porque os Cintas Largas vão querer vingança, e logo estarão de volta". Mesmo assim, ele investiu contra o menino, agora com o revólver na mão. O garoto estava chorando, segurou pela mão da mulher. O tiro foi certo na testa da criança. Mas, mesmo assim, a índia não correu. Foi atirada pelo braço e não se debatia, até que foi suspensa na árvore e aberta no meio.

UMA DECISÃO

Ataíde conta o episódio do massacre na época, e voltou a repeti-lo, depois, perante o repórter, insistindo que a expedição tinha por objetivo único exterminar os índios Cintas-Largas. A criança foi em Mato Grosso, no Paralelo 11, numa região rica em ouro e diamante, quase inacessível, "e onde se morre e se mata sem saber por quê".

Explicou também que a matança é freqüente entre os próprios seringueiros. O criminoso decidiu delatar seus companheiros porque caminhou 53 dias pela selva e não lhe pagaram os 50 centos prometidos pela empreitada silenciosa, que começou na convivência dos rios Julumirim e Juruena. Para ele e outros outros homens da região, "um índio vale menos que um cachorro".

PARA MATAR

A expedição saiu do barracão do Junqueira e subiu o Juruena numa lanchara, passando pela Barra do Rio Sangre. Atirou o local denominado Águas Bravas, onde o Rio Juruena se torna bastante revoltoso, e depois embrenhou-se na mata. Eram seus homens experientes, sob o comando do Chico Luís, que deu a palavra de ordem com a sua metralhadora pim-pi-pi-pi-pi.

Conforme ainda o relato de Ataíde Pereira dos Santos, a expedição era liderada por Chico Luís — espécie de capitão no extinto seringal de Antônio Junqueira — e ainda pelos facínoras Ramiro, Manuel Rodrigues e outro de cujo nome não se lembrou e a quem chamavam de Bolívilano.

O RIO 13

A caminhada — sempre na batida dos Cintas Largas — durou muitos dias até a Serra do Norte, que alguns chamam também de Morona. Todos esses pontos podem ser encontrados num ma-

peço de Mato Grosso. Chico Luís possuía uma pistola japonesa, mas não assim a expedição acabou por se perder na selva, depois de atravessar o Rio 13 de Julho, afluente do Arapuá.

Um avião Cessna, utilizado também para marcar os índios, levou muita comida e munição para a expedição. Não havia mais nada para comer. O piloto, de nome Donald, jogou víveres e bastante munição. Lançou também uma carta com instruções sobre o resgate para que os homens fossem encaminhados sempre em frente. Aquela altura tinham encontrado a cabeceira do Rio Arapuá e também uma roça abandonada pelos Cintas Largas, após outra expedição, antes, já havia chegado até o local, no encalço dos índios, sob o comando de um certo Tenente Luís, conhecido pistoleiro.

UMA FUGIDA

— Nós estávamos cansados e alguns já queriam desistir. Mas Chico Luís ameaçou com um chicote e disse que matava — conta ainda Ataíde. E acrescenta: Vimos a fumaça somente alguns dias depois. Mas não nos aproximamos. Na roça dos Cintas Largas, que tínhamos deixado, ficamos durante cinco dias comendo mandioca e cará nativo. Dormíamos em barracas de plástico, pescávamos e fazíamos pequenas caçadas. Nenhum confiava no outro, porque lá no Arapuá é comum acabar com a vida do inimigo e depois cravar o corpo de flecha, para botar a culpa nos índios.

— Chico Luís só ficou tranqüilo quando viu que os índios estavam perto. Ai não falou mais que a expedição era para procurar ipocacúnia (planta medicinal). Contou a verdade: todos os índios tinham que ser expulsos ou mortos de qualquer maneira. Foi a ordem que Chico Luís havia recebido de Amorim de Brito, encarregado dos seringais do Doutor Junqueira.

UMA REVOLTA

Ataíde fala agora de uma revolta no seringal, quando nove homens foram mortos e diz que Amorim de Brito era um verdadeiro animal "e só dele Chico Luís tinha medo".

— Amorim de Brito era também famoso matador de índios e só podia acabar mesmo com um tiro na boca. Quem mais tinha mortes nas costas, porém, era o Chico Luís, cearense mau como um capeta. Ele se gabava de ser o número um e afirma ter sido quem mais matou índios entre todos os homens que estão em Barranco Vermelho, no acampamento de Águas Bravas. Amorim e o Tenente Luís mataram também o Cavaleante, no barracão do Julumirim. Eu vi quando mataram e queimaram depois o corpo dele. Foi então que os seringueiros se revoltaram. Morreram, ainda, além do Amorim, um outro ex-obra chamado Paraná, um fiscal de estrada do seringal e o pesador de borracha. Foi só. Vi logo essas pessoas serem assassinadas, mas não quis me meter. Houve mais três mortes, mas a essas eu não assisti. Soube porque me contaram.

MORTANDADE

— Tudo isso aconteceu num período de quase dois dias e só sereno quando o Amorim serviu de pasto para as formigas. O que foi bem feito. Amorim queria mandar em todo mundo. Tomava a mulher dos outros e depois que se fartava passava em frente, nunca para o primeiro dono. Depois da mortandade, houve uma bebedeira dos diabos e o Junqueira chegou de avião para resolver o assunto. Não pagou a ninguém, mas prometeu fazer em Curitiba. Foi quando muitos seringueiros decidiram ir embora.

Ataíde retoma o relato sobre a expedição, e diz que os índios foram mortos pela manhã, quando construíam suas malocas.

— A gente tinha sido escolhida a dedo e sabia caminhar no mato igual ou melhor que um índio. E não fizemos nenhuma febreira que pudesse chamar a atenção. Chico Luís mandou que não falássemos e um cigarro passou de boca em boca. Ficamos todos acordados, esperando o dia clarear, com as armas engatilhadas, para o que desse e viesse. Mas, eu acho que os índios já tinham presenciado a gente. É verdade que tivemos o cuidado de não atravessar o Rio Axi-

puaná e da margem direita fizemos o trabalho.

TIRO DE MISERICORDIA

— Minha missão era só matar o chefe dos Cintas Largas naquela maloca. O índio estava molhado e era o único que não trabalhava, enfeitado e uma pedra. Parecia trabalhar os outros, quando Chico Luís me disse: "Segura o capitão delas, que eu acabo com o resto". Chico Luís me escolheu porque confiava na minha pontaria. O bolívilano tinha uma Winchester, mas eu nunca falhava com o meu macacudo. Chico Luís ficou dispirado com a metralhadora ainda por muito tempo. Os outros deram também tiro com suas carabinas, mas foi de misericórdia, pois eu acho que todos já estavam mortos.

DO OUTRO LADO DO RIO

— Não lembro quantos índios foram mortos, mas pelo menos mais de 15 deities leram balão e chumbo. Mortos no chão, mesmo, deviam ter uns oito quando atravessamos o Arapuá e passamos para a margem esquerda. Antes, nos tínhamos rastreado num estrão, sempre levando o mato para não fazer barulho e sermos vistos. Começamos a atirar de uma distância de 30 metros e só nos levantamos para ficar numa posição melhor. O chefe dos índios já estava prostrado e nem se contorcia. Mesmo assim, Chico Luís fez contra ele uma rajada. A índia foi a única que não correu. O seu filho devia ter uns cinco anos e cherrava, seguro pela mão da mulher. Acho que foi isso que enfureceu Chico Luís. Ele disse: "É preciso matar todas essas pragas". Eu falei: Isso não é bom, Chico. Os padres não vão gostar. Ainda disse para ele: "Por que a gente não fica com a mulher? Ele não respondeu. Deu um tiro no menino e correu para pegar a mulher.

NOVA E BONITA

— Eu ainda insisti, dizendo que o pessoal estava sem ver mulher há mais de um mês, mas Chico Luís não queria conversa. Lembrei, também, que a gente podia carregar a índia para o acampamento e dar de presente ao Amorim. Ele era novo e bonita. Foi quando ele falou: "Quem quiser mulher que venha buscar no mato". Eu não quis falar mais nada, porque acabei ficando com medo do Chico Luís. O homem estava com o diabo no corpo e só queria ver sangue. Ainda pensei que ele queria possuir a índia quando pegou a corda. Bem, mas não foi para isso, pois em seguida amarrou o corpo dela e suspendeu, de cabeça para baixo, numa árvore bem no meio da roça. Depois puxou o facão. Lembrou quando se viu e disse para os homens que fossem logo botando fogo nas malocas. A mulher foi cortada ao meio e afinal Chico Luís se acalmou, terminando o esquartejamento. Pensei em dar-lhe um tiro pelas costas, mas não tive coragem.

LOUCURA NA SELVA

— Todos nós pensamos que Chico Luís tinha ficado louco, mas ele continuou dando ordens e mandou que os restos humanos fossem jogados no rio. E foi o que nós fizemos antes de voltar para atravessar o Arapuá. Tudo isso não demorou nem uma hora, porque o sol ainda não estava a pino quando passamos para a outra margem. Apafinhamos as coisas e não fizemos mais uma parada até o início da noite. Sempre que podíamos tentávamos apagar as pegadas, mas passada de apartanejo não liude índio. Levamos um mês e meio para encontrar os Cintas Largas e muito menos tempo para voltar. Posso jurar — prossegue Ataíde —, que foi essa a única expedição em que tomei parte para acabar com os índios. Chico Luís porém não gostou do meu trabalho e negocou com o pagamento. A expedição foi só para exterminar os Cintas Largas, mas o Chico Luís, para agradar o Junqueira, trouxe mostras do minério. Eles estão sentados sobre grandes jazidas de cassiterita e a terra deles dá boa plantação. Os índios sabem escolher a melhor porção de terra e não querem sair dela, de jeito nenhum. É preciso usar de força — conclui Ataíde Pereira dos Santos.